

Actualidade

Tahiti Center envolto em polémica

“Praia vai ficar como Beirute”

Câmara apoia o projecto, mas a opção pelo centro de comercial e de escritórios não é consensual

O projecto ainda não passou do papel, mas o empreendedor do Tahiti Center, o italiano Stephano Buccilli, acredita que as obras podem arrancar durante o primeiro trimestre deste ano. Por isso mesmo, a luta de quem está contra o investimento imobiliário, previsto para o local, está numa verdadeira corrida contra o tempo.

O rosto mais visível da contestação é o de Pedro Martins. Ex-preso político e presidente da associação que os representa, o também arquitecto opõe-se veemente a qualquer construção “de betão” para a envolvente ao memorial de Amílcar Cabral.

“Aquela é uma zona húmida, com características ambientais que devem ser preservadas com a construção de um parque verde”. A ideia, que cabe numa frase, pode nunca chegar à prática, assim comecem as escavações da primeira fase do que poderá ser um dos maiores empreendimentos da cidade da Praia.

Além de contestar a decisão que parece ter sido tomada para o que, no tempo colonial, “chegou a ser um jardim botânico”, Pedro Martins critica igualmente a ausência de “uma discussão pública” para uma zona “tão importante para a cidade”.

“Toda a área desde Chã d’Areia, é de parque natural. A localização do Tahiti é central e serve grande parte dos bairros da cidade”.

“O edifício poderia ser construído em qualquer outro sítio, o parque verde não pode ser levado para outro lado. Para mim, é quase um sacrilégio sacrificar esse espaço com construções urbanas”.

Em causa está também um problema de “originalidade”. “Vamos ficar com uma cidade como Beirute, que é só betão”.

O memorial

Enquanto arquitecto e ex-preso político, Pedro Martins participou na escolha do local para a edificação do memorial de Amílcar Cabral. O arquitecto Oscar Niemeyer - um



Arquitecto Pedro Martins é um dos rostos do descontentamento

dos mais reputados da sua geração - foi convidado para participar na discussão e avalizou a solução encontrada. “Qualquer construção vai abafar e esmagar a importância do memorial que nós queremos que seja um farol, para que os cabo-verdianos possam ver quem foi o pai da independência”.

“O memorial foi feito para estar num parque”, só que esse parque nunca chegou a ser construído. “Do ponto de vista arquitectónico, esperávamos algo com maior peso, não apenas uma estátua”.

Uma vez mais, o facto do município da Praia ainda não ter um Plano Director Municipal em vigor é chamado à coerção. A convicção de Pedro Martins é que “um plano urbanístico detalhado evitaria qualquer tentação”.

Por outro lado, o arquitecto estranha a ausência de um estudo de impacto ambiental e está convencido de que “qualquer estudo sério que fosse feito comprovaria

que a opção que se está a tomar não é a mais correcta”.

“As opções que se tomam para a cidade têm de ser sempre avaliadas em termos de custo - benefício. A construção do Tahiti será um erro em termos históricos, urbanísticos e financeiros, conclui.

Petição

O movimento que se criou contra a construção do Tahiti Center oficializou a sua posição através de uma petição (ver caixa) recentemente entregue aos órgãos de soberania. Presidente da República, Assembleia da República, Primeiro-ministro e Câmara Municipal da Praia foram os destinatários.

Reunidos a uma só voz estão a Associação dos Ex-Presos Políticos, a Organização da Defesa da Memória e a Organização dos Arquitectos Cabo-verdianos.

Foram apresentadas 600 assinaturas. “Queremos avançar o mais depressa possível, para não termos de lidar com o facto consumado”.

Nuno Andrade Ferreira

Tahiti

Um lugar com história

O Tahiti, onde agora se pretende edificar o Tahiti Center, um espaço de comércio, escritórios e habitação, está intimamente ligado à história de Cabo Verde. O memorial Amílcar Cabral, ao lado do Auditório Nacional, de frente para a mais importante avenida da capital - Avenida Cidade de Lisboa - é apenas um exemplo dessa ligação.

Os registos históricos revelam que, no local, as armadas dos navegadores portugueses faziam as operações de manutenção - a chamada aguada - antes de prosseguirem viagem.

Em Junho de 1501, o Tahiti terá servido de palco para o encontro entre o mercador, navegador, geógrafo, e cosmógrafo italiano Américo Vespúcio e Gaspar da Gama, um comerciante de origem judaica, ligado ao comércio das índias.

No regresso da viagem de circum-navegação, as

naus de Fernão de Magalhães, já sem o seu comandante, entretanto morto na batalha de Cebu, nas Filipinas, lá estiveram atracadas por alguns dias.

Na produção agrícola, a batata “solanum tuberosum”, descoberta nos Andes, foi aclimatada no Tahiti, antes de ser transposta para Europa, dando aos europeus um novo alimento que contribuiu de forma decisiva para aliviar as sucessivas fomes no “velho continente”.

A zona pantanosa chegou a ser conhecida como Jardim Botânico, pois era o local onde as espécies exóticas eram ambientadas, antes de seguirem para a Europa.

Outras datas estão também associadas ao espaço. Por exemplo, o desfecho da revolta dos escravos, em Dezembro de 1835, ou, no estádio, a Declaração da Independência Nacional.

NAF